Anais do Congresso Brasileiro de Iniciação Científica
(https://periodicos.unisanta.br/COB)

ISSN

O RISCO DAS FAKE NEWS NA CIÊNCIA

THE RISK OF FAKE NEWS IN SCIENCE

Augusto Magno Ornelas Pereira, Beatriz Parmentieri Santos Silva, Gabriel Correia Araujo, Helena Fernandez da Cunha, Lavínia Lima Villamarin, Matheus de Paiva Dias dos Santos, Rosa Feliciano Garcia, Andressa Alonso de Carvalho Balcacer

Colégio Presidente Kennedy, Ensino Médio
E-mail para contato: andressaalonso@ckennedy.com.br

RESUMO – Este artigo analisa como a Inteligência Artificial e o baixo letramento científico impulsionam a desinformação e a infodemia na ciência. Investigam-se os riscos do avanço tecnológico para a saúde pública por meio de pesquisa bibliográfica em artigos e relatórios técnicos. Os resultados revelam que a IA generativa facilita conteúdos falsos e que algoritmos priorizam publicações emocionais, como fake news de vacinas. Conclui-se que o enfrentamento exige checagem de fontes e educação científica. Como intervenção, propõe-se uma atividade pedagógica com alunos do Ensino Fundamental e Médio no mural da escola Presidente Kennedy, usando dinâmicas lúdicas sobre distorção da informação.

Palavras-chave: Fake News; Ciência; Inteligência Artificial; Saúde; Redes Sociais; Notícia; Informação; Remédios, Emagrecimento, Desinformação; Impactos sociais; Dados Distorcidos.

ABSTRACT – This article analyzes how Artificial Intelligence (AI) and low levels of scientific literacy contribute to the spread of misinformation and the infodemic in science. The risks posed by technological advances to public health are investigated through a literature review of scientific articles and technical reports. The results reveal that generative AI facilitates the creation of false content and that algorithms prioritize emotionally engaging posts, such as fake news about vaccines. It is concluded that addressing these challenges requires source verification and scientific education. As an intervention, an educational activity is proposed for elementary and high school students at Presidente Kennedy School, involving interactive activities displayed on the school bulletin board to demonstrate how information can be distorted.

Keywords: Fake News; Artificial Intelligence; Health; Social Media; News; Information; Weight Loss; Disinformation; Social Impacts; Distorted Data.

ISSN

1 INTRODUÇÃO

Apesar de parecer recente, o termo fake news, ou notícia falsa, em português, é mais antigo do que aparenta. Essa expressão é usada desde o final do século XIX. O termo é em inglês, mas se tornou popular em todo o mundo para denominar informações falsas que são publicadas, principalmente, em redes sociais. O tema que será abordado neste trabalho é encontrar a resposta para a pergunta: "Como podemos mostrar o risco que o uso de Inteligência Artificial e a falta de letramento científico contribuem para a infodemia e desinformação científica?" Portanto, o tema abordado gira em torno de como as novas tecnologias e a falta de conhecimento básico sobre ciência ajudam a espalhar boatos perigosos.

A escolha desse tema se justifica porque agora as ferramentas de Inteligência Artificial conseguem criar textos, imagens e vídeos falsos com facilidade e realismo. Ao mesmo tempo, a população geral muitas vezes não possui letramento científico, que é a capacidade de entender como a ciência funciona, como checar fontes e como identificar o que é provado cientificamente. Quando a tecnologia avança e não há critérios para avaliar o que é lido, cria-se a infodemia, um excesso de informações, tanto verdadeiras quanto enganosas, onde o conteúdo falso se espalha rapidamente, prejudicando a saúde e a sociedade.

Para a realização deste estudo, a metodologia utilizada consistiu em uma pesquisa bibliográfica. Foram consultados artigos científicos, notícias e relatórios de órgãos de saúde e tecnologia para compreender a dimensão do problema. Também foram analisados exemplos práticos de como a Inteligência Artificial é usada para gerar conteúdos enganosos e de como a falta de educação científica deixa a sociedade vulnerável.

O trabalho foi organizado para guiar o leitor em etapas. Primeiramente, é explicado o funcionamento da Inteligência Artificial na criação de boatos. Em seguida, discute-se a importância do letramento científico e as razões pelas quais os conteúdos falsos ganham credibilidade.

O presente estudo tem como objetivos: Aprimorar nossos conhecimentos sobre o assunto, através de pesquisas e entrevistas com profissionais da área; Analisar como o uso de ferramentas de Inteligência Artificial e a falta de letramento científico potencializam a disseminação de infodemias na área científica; Mostrar o risco da união entre IA e baixo letramento; Explicar o conceito de infodemia; Debater sobre como o uso das IAs pode prejudicar nas pesquisas e Estabelecer estratégias para a melhoria desses problemas.

ISSN

2 MATERIAIS E MÉTODOS

1. O que são fake news?

1.1 O que são fake news?

A expressão "fake news" é frequentemente traduzida como "notícias falsas", mas seu significado vai além disso. De acordo com o jornalista João Paulo Meneses, fake news são histórias inventadas com a intenção de enganar, diferentemente de "false news", que resultam de erros ou falta de atenção no trabalho jornalístico (Meneses, 2018 apud Alves; Maciel, 2020). Allcott e Gentzkow (2017) explicam que são notícias evidentemente falsas, criadas para iludir e cuja falsidade pode ser demonstrada. É importante observar que alguns especialistas apontam uma incoerência no termo, já que notícias deveriam ser verdadeiras, tornando "notícia falsa" uma contradição.

Por isso, muitos optam por usar "desinformação", que abrange três categorias: misinformation (informação imprecisa divulgada sem intenção maliciosa), disinformation (informação criada com o propósito de prejudicar) e malinformation (informação verdadeira utilizada fora de contexto para provocar danos) (Wardle; Derakhshan, 2017). No âmbito científico, fake news representam um perigo, pois imitam a linguagem e o formato do jornalismo científico para parecerem legítimas. Estudos revelam que, mesmo após descobrirem a verdade, muitas pessoas que acreditaram em notícias falsas mantêm suas convicções equivocadas, evidenciando a influência desse conteúdo em nosso pensamento. Diante desse cenário, este trabalho propõe-se a analisar os principais impactos da infodemia e das fake news na percepção pública da ciência, e a discutir estratégias educacionais e comunicativas que promovam o letramento científico e o consumo crítico de informações

2. Infodemia.

2.1 Infodemia.

ISSN

Para falarmos sobre fake news e desinformação, é preciso saber como é chamado esse excesso de informações verdadeiras e falsas. O excesso de informações, precisas ou não, que enganam pessoas e as conduzem a alienação intensa, pode ser chamado de infodemia, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS). Atualmente o país conta com 480 milhões de dispositivos digitais, conforme levantamento da Fundação Getúlio Vargas (FGVcia). A pesquisa realizada pelo FGV do dia 27/06/2024 aponta que cada vez mais os brasileiros acessam notícias através de dispositivos móveis. Sem qualquer tipo de checagem dos fatos, um notebook, tablet, computador ou celular, pode se tornar uma arma contra a realidade concreta.

As consequências da infodemia são graves, pois podem induzir a população ao erro e colocar vidas em risco, especialmente quando se trata de tratamentos médicos ou campanhas de vacinação. Um exemplo disso são as informações que foram divulgadas sobre as vacinas na pandemia do Covid-19. Como por exemplo: mensagens falsas que afirmavam que o uso de máscaras causava hipóxia (falta de oxigênio) ou intoxicação por gás carbônico, vacinas que iriam transformar as pessoas em jacarés ou coisas do tipo e até mesmo tomar álcool em gel para "limpar e proteger por dentro". Essas informações quando divulgadas sem checagem, geram riscos graves para a saúde da população. Além disso, também dificulta com que as pessoas sigam e acreditem no que realmente é verdade e tem base científica, pois com tantas informações, as pessoas não sabiam mais o que era verdade e o que era mentira. Em um cenário de incertezas, a desinformação alimenta o medo e a polarização, dificultando a implementação de políticas públicas eficazes.

3. Uso de inteligência artificial e falta de letramento científico.

3.1 Uso de inteligência artificial e falta de letramento científico

A popularização da Inteligência Artificial Generativa trouxe um novo problema para o já existente universo das notícias falsas na ciência. Hoje, plataformas como o Chat GPT e criadores de imagens, como o Mid journey, conseguem criar textos, imagens e até sons que parecem muito reais. Com isso, fica cada vez mais complicado para as pessoas diferenciarem o que é verdade do que foi criado por um sistema automático. Um dos motivos para essa dificuldade são as chamadas "alucinações" dos modelos de linguagem, que são erros ou dados

ISSN

inventados que eles mostram sem querer. Essa falha ajuda a explicar por que tanta informação errada é espalhada com a ajuda da IA.

Na área científica, isso aparece nas chamadas fábricas de artigos, que funcionam como linhas de produção de pesquisas científicas falsas. Elas usam a inteligência artificial para criar estudos inventados em grande quantidade, dificultando o trabalho dos revisores e prejudicando a criação de conhecimento. A desinformação não é nova, mas a IA generativa aumenta muito o seu impacto, seja na política, na ciência ou na educação.

Nesse cenário, a falta de conhecimento científico da população piora a situação. Conhecimento científico significa entender, analisar e usar informações científicas no dia a dia. Uma pesquisa da Faculdade de Educação da USP, com 232 pessoas, mostrou que coisas como uma conversa convincente, o salário e a escolaridade influenciam a confiança que as pessoas dão a notícias científicas falsas. A maioria das pessoas que participaram da pesquisa nem conseguiu identificar as notícias falsas. Segundo o Jornal da USP (2024), checar as informações não deve ser só tarefa da mídia, mas também das famílias, das escolas e de quem já estudou.

Assim, juntando ferramentas de IA cada vez mais fáceis de usar com uma população que ainda não entende muito de ciência, criamos um ambiente perfeito para que a desinformação se espalhe muito mais rápido.

4. Internet e disseminação das fake news.

4.1 Internet e disseminação das fake news

A internet e as redes sociais mudaram muito a rapidez e o alcance com que as informações falsas se espalham. A diferença no contexto atual não está na existência de notícias falsas. A diferença está no potencial de circulação das fake news no ambiente online, especialmente por causa das redes sociais digitais. Nessas plataformas, uma publicação falsa aparece exatamente igual a uma publicação verdadeira.

Uma publicação falsa pode chegar ao usuário com o endosso de alguém de confiança, e o fato faz a credibilidade da publicação falsa parecer muito maior. As fake news dão um apoio social falso e mexem com os sentimentos das pessoas, tornando as fake news mais aceitáveis

ISSN

que as notícias verdadeiras. Por isso, as redes sociais e a internet se tornam as plataformas que espalham informações falsas.

No campo da saúde e da ciência, esse processo deu origem ao que a Organização Mundial da Saúde chama de infodemia: a circulação rápida e em grande quantidade de informações diferentes e falsas, que causou muita desinformação Na pandemia de COVID-19, esse fenômeno ficou bem claro, uma pesquisa da Fiocruz feita em 2021 mostrou que 91 % dos profissionais de saúde entrevistados disseram que as fake news foram um obstáculo direto para combater o vírus.

Os algoritmos das plataformas digitais pioram a situação, dão preferência a conteúdos que provocam mais interesse emocional, como indignação e medo. Sendo essas emoções que exatamente as notícias falsas mais exploram. Com o surgimento da internet e das redes sociais, o ambiente ficou muito aberto ao espalhamento de informações falsas e o controle acabou, a disseminação acontece a qualquer momento; qualquer pessoa pode criar uma informação falsa e outras pessoas vão acreditar e compartilhar a informação.

Enxerga-se que esse cenário pede respostas juntas entre os governos, as plataformas digitais, as instituições científicas e, principalmente a população que precisa estar cada vez mais preparada para identificar a informação e para questionar a informação que consome.

5. Impactos Práticos.

5.1 Fake news na pandemia

As fake news, ou, traduzindo para o protuguês, informações falsas, sempre foram um problema no contexto social e principalmente no digital, pois há tanto conteúdo na internet produzidos por criadores que articulam narrativas com aparente propriedade, sem possuírem o devido letramento técnico, que às vezes acaba sendo difícil para os usuários distinguirem informações confiáveis de conteúdos duvidosos ou mal intencionados. Essa situação, porém, parece apenas ter sido reconhecida com a chegada da pandemia de COVID-19. O surto foi classificado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), que é o mais alto nível de alerta do Regulamento

ISSN

Sanitário Internacional (RSI), logo no dia 30 de janeiro de 2020, sendo caracterizado oficialmente como pandemia mais tarde, no dia 11 de março de 2020.

Foi nesse momento onde passamos a nos preocupar fortemente sobre a veracidade do que consumimos virtualmente, seja nas redes sociais, como Instagram, Facebook, Youtube, WhatsApp ou até mesmo em telejornais, como o Jornal da TV Tribuna, que durante a pandemia criou um portal de verificação digital sobre o conteúdo disseminado nas redes, que anos após a pandemia teve seu lançamento como um quadro fixo no programa televisionado "Mais Você", apresentado por Ana Maria Braga, com a intenção de continuar com a iniciativa de verificar a veracidade de conteúdos postados na internet.

Uma pesquisa realizada pela Organização Pan-Americana da Saúde, declarou que em abril de 2020, em um período de 30 dias, 361 milhões de vídeos foram carregados na plataforma Youtube com a classificação de "COVID-19" e "COVID 19". Já no mês de março o número relacionado a tuítes que continham os termos coronavírus, COVID-19 ou pandemic, foram de cerca de 560 milhões. A maioria das buscas sobre o assunto nas redes girava em torno do número de mortes ao redor do mundo, intervenções eficazes, medidas sociais adotadas pelos governos, opiniões de indivíduos no âmbito digital, dentre outros assuntos. Os conteúdos apresentados em vídeos e nos tuítes são em sua maioria falsos e enganosos, especialmente quando se trata da origem do vírus, formas de contaminação, tratamento, e sobre as vacinas, que por várias vezes se teve a constatação de sua eficácia baseado em alegações falsas, vindas em sua maioria de vídeos postados nas redes sociais.

Durante a pandemia circularam fake news como "a vacina muda o DNA" e "cloroquina cura covid", ambas disseminadas nos meios digitais WhatsApp, onde se ocorreu o maior compartilhamento por familiares preocupados e desatentos sobre a veracidade do conteúdo, e no Facebook, onde em sua maioria se teve a origem dessas notícias falsas, as quais eram compartilhadas pelo algoritmo como forma de engajamento das páginas que subiam posts sobre esse tema.

No entanto, com o passar do tempo diversos estudos contribuíram para a constatação de que a vacina de RNA (vacina utilizada para combater o vírus) não entra no núcleo da célula o que impede a alteração do DNA humano, e que a cloroquina não apresenta eficácia comprovada contra o vírus.

ISSN

5.2 Fake news na nutrição

Fake news na nutrição propagam soluções mágicas e dietas extremas, como "água com limão em jejum emagrece" ou a demonização total de glúten/carboidratos. Outros exemplos comuns incluem promessas de cura de doenças por alimentos, dietas "detox" e o uso exagerado de suplementos sem comprovação científica, desconsiderando a necessidade de um equilíbrio alimentar individualizado.

Segundo Débora Palos, nutricionista do Hospital Nove de Julho, às campeãs são as notícias sobre emagrecimento. “As crenças populares, somadas ao apelo emocional e às receitas de dietas milagrosas fazem com que muitas pessoas compartilhem notícias falsas”. A especialista explica que, além das informações duvidosas sobre emagrecimento, as “fake news” podem ter consequências mais graves. “Sem a informação correta, as pessoas podem acreditar na notícia e prejudicar sua saúde ao fazer dietas ou exercícios errados” reforça Débora que lembra também que antes da internet, isso já acontecia. “Na época da escravidão, os senhores do engenho criaram a crença de que comer manga com leite fazia mal só para evitar que os escravos roubassem o leite da fazenda, mas não existe comprovação científica sobre isso”.

Para impedir ou evitar que a fake news impacte significativamente no ramo nutrição devemos realizar pesquisas e verificar as fontes em que vimos alguma informação intrigante, desconfiar de promessas milagrosas, buscar embasamento científico, questionar informações muito escandalosas além de consultar um profissional para que em busca de uma melhora na alimentação ou na saúde não acabemos tendo consequências negativas.

Diversos problemas como prejuízo à saúde física que caso você pratique algum esporte por exemplo, pode acabar prejudicando o seu desempenho; confusão e ansiedade podendo fazer com que pessoas não saibam o’que realmente é ou não saudável e bom para a sua alimentação, além de causar ansiedade por conta dessa confusão podendo resultar em dismorfia corporal; risco de automedicação, os “alimentos milagrosos” vem surgindo cada vez mais fazendo com que pessoas parem de ir aos médicos e preferindo usar técnicas milagrosas que elas descobriram na internet para se medicar.

5.3 Métodos de emagrecimento

ISSN

O campo da nutrição e do emagrecimento é um dos terrenos mais férteis para a disseminação de fake news, pois explora vulnerabilidades emocionais e o desejo por resultados rápidos. A desinformação nesse setor geralmente se apresenta através de métodos que prometem a perda de peso sem esforço. Ao promover ''dietas restritivas extremas'' ou ''pílulas mágicas'' via redes sociais, essas notícias falsas induzem o indivíduo a comportamentos de risco, podendo causar distúrbios alimentares e deficiências nutricionais.

A desinformação sobre métodos de emagrecimento ultrapassa o campo da propaganda enganosa e se torna um problema de saúde pública. O impacto vai muito além de uma questão de estética, o uso indevido desses medicamentos sobrecarrega os sistemas de saúde com falência dos órgãos, e vários distúrbios alimentares como: anorexia, bulimia, além de danos no metabolismo que são irreversíveis, e isso danifica a confiança da população nas autoridades públicas, e em evidências científicas reais.

A internet se tornou um grande “contêiner” de conteúdos suspeitos sobre medicamentos manipulados. Esses materiais, repletos de promessas milagrosas sem auxílio científico, se espalham facilmente, impulsionando o problema.

6. Dificuldade em identificar se uma notícia é falsa.

6.1 Dificuldades enfrentadas.

Identificar uma notícia falsa não é tão fácil quanto parece para alguns, tanto porque na grande parte das vezes uma notícia falsa surge a partir de outra notícia verdadeira, do qual o autor da notícia falsa coleta as informações na qual lhe agrada, omite as quais desfavorecem o ponto defendido e manipula dados e informações para que a tese defendida pareça ser a correta.

No ramo da saúde e nutrição são os mais presentes na vida das pessoas, um exemplo é que existem alimentos que curam o câncer, alguns comerciantes afirmam que os alimentos dos quais eles vendem podem curar o câncer, de fato existem maneiras de prevenir o câncer por meio de uma boa alimentação, porém apesar de já terem sido realizados diversos estudos, não é comprovado por nenhum estudo que exista um alimento específico que cure ou evite completamente o câncer.

ISSN

Existem alguns termos dos quais é de extrema necessidade se atentar, como, maioria, minoria, mais que, menos que, maior parte, menor parte, metade, esses termos quando aparecem sem uma contextualização adequada, como, qual o valor absoluto ou a porcentagem da qual estão retratando, pode acabar espalhando uma ideia da qual não é tão realista.

Exemplo de manchete: "Pesquisa aponta que maioria da população de Santos tem a intenção de voto em Flávio Bolsonaro." Essa manchete pode até ser verdadeira de acordo com a pesquisa, porém não foi informado número absoluto da pesquisa nem a variação em relação aos outros candidatos. Ou seja, essa pesquisa pode ter abordado 12 pessoas e 7 representam essa maioria, realmente é a maioria, porém não é um número significativo para esse tipo de pesquisa.

7. Estratégias de enfrentamento.

7.1 Estratégias de enfrentamento

Para impedir que as notícias falsas atinjam o campo da ciência, assim como qualquer outra área, são necessárias algumas medidas, como por exemplo, no caso de profissionais, que podem atuar na disseminação de informações verdadeiras nas redes sociais, auxiliando pessoas que não tem conhecimento científico, e desmentindo fake news. Já para pessoas que não têm tanto conhecimento na área científica, outras tipos de ações devem ser tomadas, como denunciar conteúdos falsos online, seja em aplicativos, sites ou redes sociais. Também é muito importante não compartilhar notícias antes da checagem de fontes, para saber se o veículo de transmissão é confiável, além de verificar a informação, para não propagar fake news por falta de atenção. Outro ponto a ser mencionado é a necessidade de ler a matéria completa, e não apenas a manchete, pois muitas notícias têm títulos chamativos para atrair o público, e o conteúdo pode ser totalmente diferente do que foi citado na manchete.

Conferir a data é fundamental, pois algumas notícias antigas são compartilhadas como se fossem recentes, na tentativa de enganar os leitores. Utilizar plataformas para conferir a veracidade das informações divulgadas, como Fato ou Boato, uma plataforma do TSE criada em 2020 para esclarecer conteúdos e verificar informações, ou outras ferramentas, como o Fato ou Fake, criado pelo G1, e a Agência Lupa, a primeira agência de checagem de fatos a operar

ISSN

no Brasil, criada em 3 de novembro de 2015 pela jornalista Cristina Tardáguila, além de muitas outras, é crucial para impedir a desinformação. Em caso de dúvida o correto a se fazer é não compartilhar a notícia, pois é por meio do compartilhamento sem confirmação que diversos conteúdos fabricados são disseminados rapidamente.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base no levantamento bibliográfico realizado para este projeto, os resultados mostram que o avanço da Inteligência Artificial (IA) e a falta de conhecimento sobre como a ciência funciona (chamado de letramento científico) facilitam muito a disseminação de mentiras.

Ferramentas modernas conseguem criar textos e imagens falsas que parecem muito reais, o que engana as pessoas facilmente. Na ciência, isso criou as "fábricas de artigos", que usam a tecnologia para inventar pesquisas em grande quantidade, prejudicando o conhecimento real.

O excesso de informações (chamado de infodemia) é um perigo real, pois pode fazer as pessoas tomarem decisões erradas sobre a saúde. Durante a pandemia, boatos sobre vacinas e máscaras atrapalharam o combate ao vírus, e 91% dos profissionais de saúde confirmaram que as fake news foram um grande obstáculo.

Na área da alimentação, mentiras sobre "dietas mágicas" e "pílulas milagrosas" são comuns e podem causar danos graves, como falência de órgãos e doenças alimentares como a anorexia.

As redes sociais ajudam a espalhar essas mentiras porque seus sistemas (algoritmos) dão prioridade a conteúdos que causam emoções fortes, como medo ou raiva. Além disso, as pessoas tendem a acreditar em notícias falsas quando elas vêm de alguém de confiança, como amigos ou família, sem checar se são verdadeiras.

Para combater esse problema, é fundamental conferir as fontes, ler o texto todo (não só o título) e usar sites de checagem, como o "Fato ou Fake" ou a "Agência Lupa", que ajudam a confirmar o que é verdade.

ISSN

4 CONCLUSÃO

Foi idealizado que a intervenção realizada será feita com as turmas do Ensino Fundamental Anos Iniciais através de uma dinâmica com as crianças, será realizado uma espécie de telefone sem fio com as crianças. Após a intervenção será realizado um questionário para os alunos envolvidos. Parte final do texto, onde são apresentados os resultados finais da pesquisa correspondentes aos objetivos ou hipóteses. É importante apresentar novas ideias, abrindo caminho a outros pesquisadores que poderão trabalhar no assunto, incluindo uma reflexão/opinião sobre os aspectos mais importantes.

5 DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Declaração de Uso de IA: Durante a elaboração deste trabalho, utilizou-se a ferramenta Dola e chat GPT para auxílio da estruturação de textos e formatação das referências bibliográficas para o modelo ABNT. O conteúdo gerado foi revisado, editado e validado pelos autores, que assumem total responsabilidade pelo texto final.

6 REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Infodemia**. Rio de Janeiro, 6 dez. 2020. Disponível em: https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/infodemia. Acesso em: 21 maio 2026

ALVARENGA, G. Inteligências artificiais entram em campo contra e a favor da desinformação. Jornal da USP, 2023. Disponível em:https://jornal.usp.br/atualidades/inteligencias-artificiais-entram-em-campo-contra-e-a-favor-da-desinformacao/. Acesso em: 23 abr. 2026.

BORTOLOTTO, Nelita; RODRIGUES, Maria Rosário de Fátima. O que dizem os professores de ciências e biologia sobre as fake news: uma análise discursiva. Ciência & Educação, Bauru,

ISSN

v. 28, e22026, p. 1-16, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ciedu/a/bW5YKH7YdQ5yZwkJY5LjTts/?format=html⟨=pt□. Acesso em: 23 abr. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Não caia em fake news: nutrição é coisa séria. Brasília, DF, 2025. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-com-ciencia/noticias/2025/abril/nao-caia-em-fake-news-nutricao-e-coisa-seria□. Acesso em: 23 abr. 2026.

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTE MOR. Material: Fake News. Monte Mor: Câmara Municipal de Monte Mor, Escola do Legislativo de Monte Mor (Elemmor), [20--?]. 1 arquivo PDF. Disponível em: sp.leg.br. Acesso em: 13 abr. 2026.

CANALTECH. Canetinhas para emagrecer: desinformação e manipulados irregulares nas redes. 2024. Disponível em: https://canaltech.com.br/saude/canetinhas-para-emagrecer-desinformacao-e-manipulados-irregulares-nas-redes/□. Acesso em: 23 abr. 2026.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Infodemia: notícias falsas sobre saúde dominam redes sociais, induzem ao erro e desafiam autoridades. Brasília, DF, 2024. Disponível em: https://www.cofen.gov.br/infodemia-noticias-falsas-sobre-saude-dominam-redes-sociais-induzem-ao-erro-e-desafiam-autoridades/□. Acesso em: 23 abr. 2026.

DI GIACOMO, Fred. Fake news nas IAs. São Paulo: Fósforo, 2024. Acesso em: 20 abr. 2026.

ESTEVES, Bernardo. Notícias falsas na ciência. Ciência Hoje, [s. l.], 3 abr. 2026. Disponível em: https://cienciahoje.org.br/artigo/noticias-falsas-na-ciencia/□. Acesso em: 23 abr. 2026.

GALLEGOS-ELÍAS, Alberto. A pós-verdade e o problema das fake news: uma visão a partir da filosofia da ciência de Karl Popper. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 18, n. 1, e20220033, 2023. Disponível em:

ISSN

https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/PqdXRfWRLjpSZLGqvBfzzgF/?format=html(=pt□. Acesso em: 23 abr. 2026.

GALVÃO, Nathália de Lima; VALÉRIO, Marcelo. Estratégias de divulgação científica no YouTube: um estudo com o canal Nunca Vi 1 Cientista. Ciência & Educação, Bauru, v. 28, e22046, p. 1-18, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ciedu/a/bW5YKH7YdQ5yZwkJY5LjTts/?lang=pt□. Acesso em: 23 abr. 2026.

HOSPITAL NOVE DE JULHO. Fake news faz mal à saúde: conheça 5 notícias falsas sobre alimentação. São Paulo, 2024. Disponível em: https://www.h9j.com.br/blog/fake-news-faz-mal-a-saude-conheca-5-noticias-falsas-sobre-alimentacao/□. Acesso em: 23 abr. 2026.

NUNCA VI 1 CIENTISTA. Home. [2024]. Disponível em: nv1c.com. Acesso em: 23 abr. 2026.

PFIZER BRASIL. Conheça 5 fake news sobre saúde e saiba como evitar de compartilhar informações erradas. 22 jan. 2020. Disponível em: https://www.pfizer.com.br/noticias/ultimas-noticias/conheca-5-fake-news-sobre-saude. Acesso em: 06 ago. 2026.

SOUZA, Ana. Fake news em nutrição: estudos que levam a interpretações equivocadas. Academia da Nutrição, 2023. Disponível em: https://academiadanutricao.com/fake-news-em-nutricao-estudos-que-levam-a-interpretacoes-equivocadas/□. Acesso em: 23 abr. 2026.

SOUZA, Ana Paula de. A propagação de fake news e o jornalismo contemporâneo: uma análise da verificação de fatos no Brasil. 2022. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/65702□. Acesso em: 23 abr. 2026.

SOUZA, M. S. de; GALDINO, I. S.; PINHO, L. de B. As "fake news" e a desinformação em saúde no cenário da Covid-19: uma revisão integrativa. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de

ISSN

Janeiro, v. 27, n. 3, p. 1119-1128, mar. 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/MWfcvZ797BYyNSJBQTpNP8K/?format=pdf(=pt□. Acesso em: 23 abr. 2026.

TEIXEIRA, Mariana Rocha Fonseca et al. Combatendo a desinformação: estratégias para proteger a saúde coletiva contra fake news. Aracê, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 14877–14885, 2025. DOI: 10.56238/arev7n3-272. Disponível em: https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/4084. Acesso em: 5 ago. 2026.